

# Projeções ambientais sobre o *Mundo Pós-Covid* e a possibilidade de uma *nova ordem ecológica internacional*<sup>1</sup>

Alexandra Aragão (aaragao@fd.uc.pt)

Professora Associada da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

## 1. Um laboratório vivo à escala Mundial

Pensar o Mundo *Pós-Covid* em pleno decurso da pandemia não é desrespeitar as mortes que já ocorreram e aquelas que ainda virão a ocorrer. Pensar agora, no que poderá ser o Mundo depois do Covid, é dar algum sentido e utilidade à experiência social involuntária que estamos a atravessar à escala global. De facto, para limitar as mortes, o Mundo foi posto em confinamento. E o confinamento deu origem a um *Mundo parado* que é um autêntico laboratório vivo<sup>2</sup> dificilmente imaginável e dificilmente simulável em computador.

Habitados a pensar o futuro, os estudiosos das ciências ambientais — aí incluído o Direito — têm-se dedicado a fazer projeções sobre o futuro ambiental e climático em diferentes cenários<sup>3</sup>. Nenhum deles tão drástico como o que estamos a travessar.

Em período de confinamento, somos simultaneamente observadores e observados, cientistas e cobaias, nesta experiência social. Todos e cada um de nós, fechados em casa por tempo indeterminado<sup>4</sup>, temos o **dever** de pensar no Mundo *Pós Covid*.

## 2. Ensinamentos ambientais da pandemia global

Há relações fortes entre a crise sanitária que estamos a atravessar e a crise ambiental. Mas elas são mais profundas do que uma leitura superficial dos factos poderia fazer crer. Vejamos algumas.

É excessivamente simplista afirmar que a pandemia é uma “vingança” da natureza.

A pandemia surgiu de uma zoonose, ou seja uma doença infecciosa transmitida pelos animais aos seres humanos. É verdade que a redução dos habitats das espécies selvagens,

---

<sup>1</sup> *A Nova Ordem Ecológica*, é uma obra de Luc que saiu em França em 1992 (em Portugal editada em 1993 pelas Edições Asa), e que trata das origens históricas e filosóficas dos movimentos ecologistas.

<sup>2</sup> Os *living labs*, na terminologia inglesa, são ecossistemas de inovação abertos, centrados nos utilizadores, que se baseiam numa abordagem sistemática de co-criação pelos utilizadores, integrando processos de investigação e inovação em comunidades e ambientes da vida real. A Rede Europeia de Living Labs (European Network of Living Labs - ENOLL) é uma federação internacionais de Living Labs acreditados em todo o mundo (<https://enoll.org/>).

<sup>3</sup> Por exemplo, os cenários desenhados nos sucessivos relatórios do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas, por exemplo o último relatório especial sobre os impactes previsíveis do aquecimento global de 1,5º acima dos níveis pré-industriais (disponível em <https://www.ipcc.ch/sr15/>).

<sup>4</sup> Tendo em vista a necessidade de prorrogar o tempo de quarentena e de renovar sucessivamente o estado de emergência (Decretos do Presidente da República n.º 14-A/2020 de 2020-03-18 e n.º 17-A/2020 de 2020-04-02).

as quais são responsáveis pela maior parte das zoonoses<sup>5</sup>, torna cada vez mais provável sua ocorrência. Mas é o padrão de ocupação e distribuição humana do planeta (com zonas urbanas de enorme densidade populacional<sup>6</sup>), e a sua hiper-mobilidade global (com o aumento constante do número de passageiros em viagens aéreas *intra* e *inter* continentais<sup>7</sup>) que potenciam a rapidez do contágio à escala global.

É excessivamente simplista pensar que o ambiente ganhou com o encerramento das pessoas e a paragem da economia.

É verdade que as medidas de combate ao novo vírus Corona conduziram à redução substancial e mensurável da poluição atmosférica na Europa<sup>8</sup>. Esta redução é particularmente visível no que respeita ao dióxido de nitrogénio e partículas finas, normalmente associados ao tráfego rodoviário e a fontes de aquecimento doméstico<sup>9</sup>. Mas os custos sociais e económicos da crise sanitária são, para já, incalculáveis e serão muito provavelmente desproporcionais relativamente às pequenas vantagens ambientais alcançadas se, depois do fim da pandemia, todas as atividades humanas, que agora estão suspensas, voltarem ao seu ritmo e intensidade “normais”.

É excessivamente simplista subtrair ao número de mortos por COVID, o número de mortes por poluição atmosférica que não ocorrem em virtude da melhoria da qualidade do ar.

É possível calcular as mortes prematuras devidas a poluição atmosférica<sup>10</sup> e esse cálculo tem sido feito na União Europeia<sup>11</sup> país a país. Em princípio, ocorrendo uma redução tão significativa da poluição atmosférica isso deveria significar uma redução do número de mortes prematuras associadas à exposição a poluentes atmosféricos. Infelizmente, a realidade é mais complexa, pois a prévia exposição à poluição atmosférica parece agravar os efeitos da infeção pelo novo vírus Corona ao potenciar as dificuldades respiratórias, causando maior mortalidade nos locais mais poluídos e junto da população que previamente esteve mais exposta à poluição<sup>12</sup>. Indubitavelmente, há uma forte relação entre a saúde do planeta e a nossa própria saúde<sup>13</sup>.

---

<sup>5</sup> Jones, K., Patel, N., Levy, M. et al. *Global trends in emerging infectious diseases*. Nature 451, 990–993 (2008). <https://doi.org/10.1038/nature06536>

<sup>6</sup> <https://luminocity3d.org/WorldPopDen/#6/40.112/-5.317>

<sup>7</sup> <https://www.statista.com/statistics/564717/airline-industry-passenger-traffic-globally/>

<sup>8</sup> <https://www.eea.europa.eu/highlights/air-pollution-goes-down-as>

<sup>9</sup> European Environmental Agency, *Air quality and COVID-19*, 4 de abril, (<https://www.eea.europa.eu/themes/air/air-quality-and-covid19/air-quality-and-covid19>).

<sup>10</sup> Richard Burnett et al, *Global estimates of mortality associated with long-term exposure to outdoor fine particulate matter*, Proceedings of the National Academy of Sciences of the USA, September 18, 2018 115 (38) 9592-9597 <https://www.pnas.org/content/115/38/9592>.

<sup>11</sup> Premature deaths attributable to air pollution <https://www.eea.europa.eu/media/newsreleases/many-europeans-still-exposed-to-air-pollution-2015/premature-deaths-attributable-to-air-pollution>

<sup>12</sup> Xiao Wu and Rachel C. Nethery, *COVID-19 PM2.5 A national study on long-term exposure to air pollution and COVID-19 mortality in the United States*, <https://projects.iq.harvard.edu/covid-pm>

<sup>13</sup> Como bem afirma Helena Freitas no artigo de opinião “A nossa saúde depende da saúde do planeta” publicado no Público no dia 22 de março <https://www.publico.pt/2020/03/22/sociedade/opiniao/saude-depende-saude-planeta-1908901>.

É excessivamente simplista reduzir os tempos excepcionais de estado de emergência a um conflito de gerações.

É verdade que é assim que o atual período emergencial tem sido caracterizado no discurso inflamado de alguns ativistas juvenis, como por ex. Jamie Margolin, da associação Hora Zero<sup>14</sup>: “você querem que os jovens se sacrifiquem — parem de socializar, se fechem dentro de casa — para que as pessoas mais velhas possam viver. Mas muitas pessoas mais velhas não estão se sacrificando para que os jovens possam viver. (...) A minha geração está desistindo de nossa juventude — da nossa educação, da nossa diversão e da nossa liberdade — para que vocês possam ver o próximo ano. Quando isto acabar, talvez vocês precisem desistir de algo para que nós possamos ver o próximo século”<sup>15</sup>.

Mas o alarde do choque geracional é redutor em primeiro lugar, porque a maior incidência da mortalidade do novo vírus Corona não está só relacionada com a vulnerabilidade etária, mas igualmente com a vulnerabilidade económico-social<sup>16</sup>. Em segundo lugar, porque, apesar de as gerações futuras serem indubitavelmente mais afetadas do que as presentes pelas alterações climáticas e pela degradação ambiental que estamos a viver, o compromisso ambiental das gerações mais jovens não é transversal a todas as sociedades e culturas, e outras cisões, nomeadamente entre os países do norte e do sul global<sup>17</sup>, ou até entre países com políticas climáticas sérias, e países que nem sequer ratificaram o Acordo de Paris<sup>18</sup> ou dele se retiraram<sup>19</sup> constituem clivagens tão ou mais graves e intransponíveis que a geracional.

### **3. Quais as semelhanças entre a crise sanitária e a crise ambiental que justificam comparações, ilações e conclusões?**

**Primeira semelhança:** ambas as crises deram origem a estados de emergência declarados.

No caso da crise climática e ambiental, foi em 28 de novembro de 2019 que o Parlamento Europeu adotou uma Resolução declarando formalmente a emergência climática e

---

<sup>14</sup> <http://thisiszerohour.org/>.

<sup>15</sup> Jamie Margolin, *Politicians blew off Gen Z's climate goals. The coronavirus shows we can act fast. People will act on an emergency — when they understand that it threatens them.* Washington Post, 26 de março ([https://www.washingtonpost.com/outlook/politicians-blew-off-gen-zs-climate-goals-the-pandemic-shows-we-can-act-fast/2020/03/26/01281a30-6edc-11ea-b148-e4ce3fbd85b5\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/outlook/politicians-blew-off-gen-zs-climate-goals-the-pandemic-shows-we-can-act-fast/2020/03/26/01281a30-6edc-11ea-b148-e4ce3fbd85b5_story.html))

<sup>16</sup> Jeffery C. Mays and Andy Newman, *Virus Is Twice as Deadly for Black and Latino People Than Whites in N.Y.C.*, New York Times, 8 de abril, <https://www.nytimes.com/2020/04/08/nyregion/coronavirus-race-deaths.html>.

<sup>17</sup> Boaventura de Sousa Santos, *Epistemologias do Sul*, Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, Março 2008: 5-10 <https://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/80/RCCS80-002-Introducao-005-010.pdf>

<sup>18</sup> [https://treaties.un.org/Pages/ViewDetails.aspx?src=TREATY&mtdsg\\_no=XXVII-7-d&chapter=27&clang=en](https://treaties.un.org/Pages/ViewDetails.aspx?src=TREATY&mtdsg_no=XXVII-7-d&chapter=27&clang=en).

<sup>19</sup> <https://treaties.un.org/doc/Publication/CN/2019/CN.575.2019-Eng.pdf>.

ambiental<sup>20</sup>. Antes dessa data e depois dela, diversos Estados fizeram idênticas declarações<sup>21</sup>.

No caso da crise sanitária, desde 23 de janeiro na China, desde 9 de março na Itália, desde 16 de março em Espanha, desde 18 de março em Portugal, os Estados têm vindo a declarar o estado de emergência à medida que vão sendo afetados pela pandemia, com reações mais rápidas ou mais lentas, mais firmes ou mais hesitantes<sup>22</sup>.

**Segunda semelhança:** a abordagem mais inteligente de ambas as crises passa por saber gerir recursos escassos. Quais são esses recursos escassos?

No caso da catástrofe da infeção por vírus Covid-19, os recursos escassos são a capacidade do sistema de saúde, que vão desde as camas dos hospitais à capacidade médica de tratar os doentes.

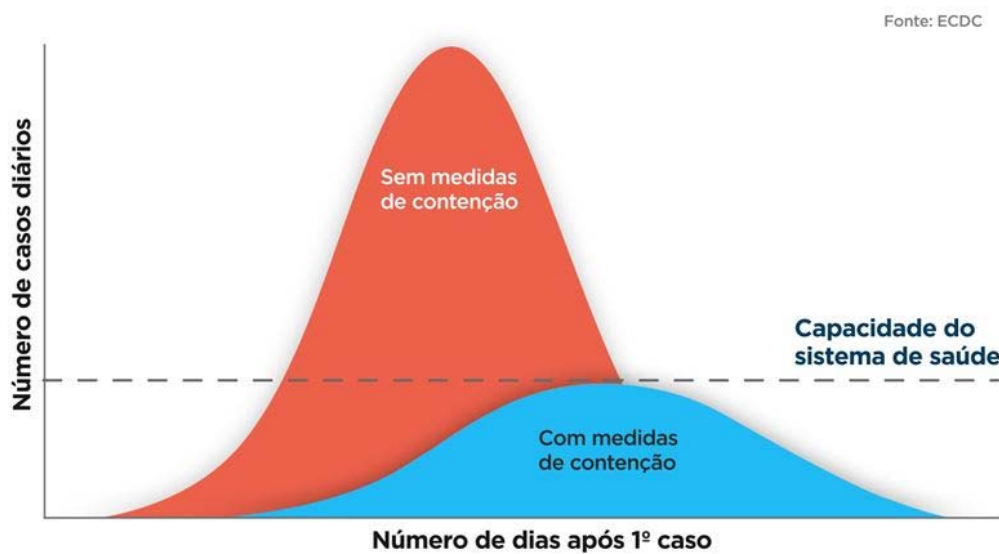


Figura 1: Evolução do número de infetados com e sem medidas de contenção.

<sup>20</sup> Resolução 2019/2930(RSP) sobre emergência ambiental e climática ([https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-9-2019-0078\\_EN.html](https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-9-2019-0078_EN.html).)

<sup>21</sup> Os exemplos podem ser vistos aqui: <https://climateemergencydeclaration.org/climate-emergency-declarations-cover-15-million-citizens/>.

<sup>22</sup> Dominic Gilbert, *Which countries are under lockdown - and is it working?* The Telegraph, 8 abril (<https://www.telegraph.co.uk/news/0/which-countries-in-lockdown/>).

No caso da catástrofe climática e planetária, os recursos escassos são os bens ambientais, bióticos ou abióticos (água limpa, ar puro, solo arável, diversidade de espécies animais e vegetais) cuja exploração, independentemente de serem renováveis ou não renováveis, tem limites. Quais? Os limites do planeta<sup>23</sup>.

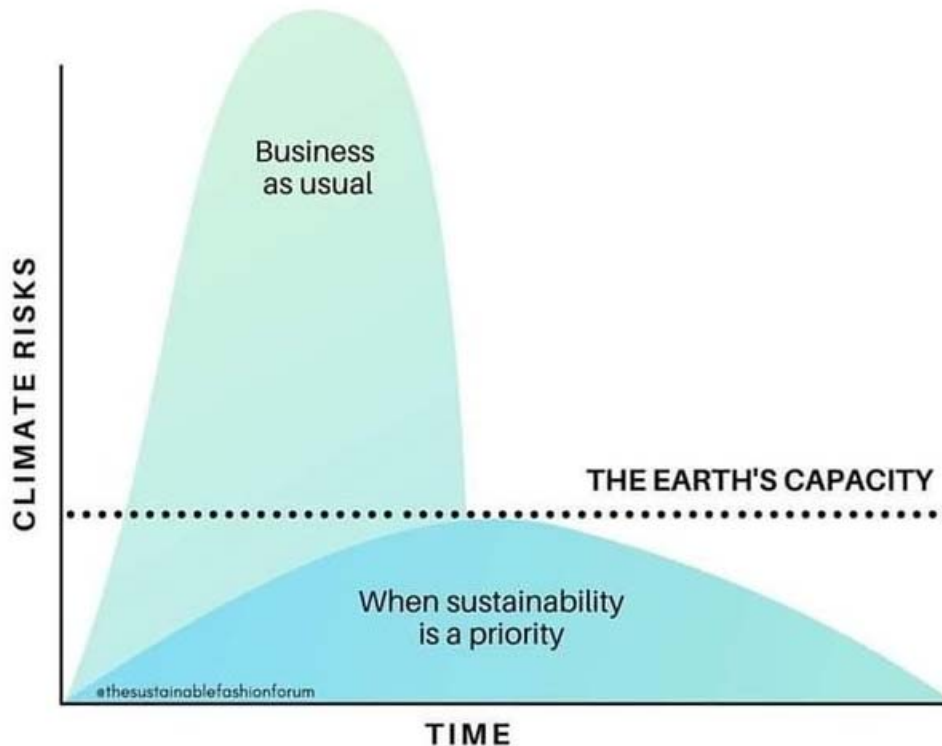


Figura 2: Evolução do estado do planeta com e sem medidas de sustentabilidade.

### 3. Conclusão

A catástrofe humana, social e económica que estamos a viver em virtude da pandemia global é, do ponto de vista da correção da trajetória ambiental, uma oportunidade única de mudar para melhor. A inércia própria das economias em andamento, das sociedades com hábitos enraizados, das comunidades com estilos de vida implantados, dificulta mudanças de trajetória. Economias estagnadas, sociedades paralisadas, comunidades isoladas, podem recomeçar com base em novos paradigmas.

---

<sup>23</sup> No plano Científico, veja-se Johan Rockström et al, *Planetary Boundaries: Exploring the Safe Operating Space for Humanity Ecology and Society* 2009 14(2): 32. <https://www.ecologyandsociety.org/vol14/iss2/art32/>. Stephen, Will et al « Planetary boundaries: Guiding human development on a changing planet» *Science*, 2015 vol 347, issue 6223 (<http://science.sciencemag.org/content/347/6223/1259855>).

Steffen, Will et al «Trajectories of the Earth System in the Anthropocene» *Proceedings of the National Academy of Sciences*, August, 2018 <https://doi.org/10.1073/pnas.1810141115>.

No plano Jurídico, Fernández, Edgar et Malwé Claire «The emergence of the 'planetary boundaries' concept in international environmental law: A proposal for a framework convention», *Review of European, Comparative and International Environmental Law*, 2018 p.1 a 9.